

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Amanda Rodrigues Corrêa Martins

PARA QUE SERVE A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS?

O olhar de pesquisas acadêmicas e a visão dos estudantes do Ensino
Fundamental II e Médio

Rio de Janeiro
2022



Amanda Rodrigues Corrêa Martins

PARA QUE SERVE A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS?

O olhar de pesquisas acadêmicas e a visão dos estudantes do Ensino Fundamental II e Médio

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia escolar

Orientador (a) Professor (a) Dr. Marcos Rodrigues Ornelas de Lima

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M386 Martins, Amanda Rodrigues Corrêa

Para que serve a geografia nas escolas? O olhar de pesquisas acadêmicas e a visão dos estudantes do Ensino fundamental II e Médio / Amanda Rodrigues Corrêa Martins. - Rio de Janeiro, 2021.

21 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientadora: Marcos Rodrigues Ornelas de Lima.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Pensamento geográfico. 3. Geografia cultural. I. Lima, Marcos Rodrigues Ornelas de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Amanda Rodrigues Corrêa Martins

PARA QUE SERVE A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS?

O olhar de pesquisas acadêmicas e a visão dos estudantes do Ensino Fundamental II e Médio

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: 20/06/2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Rodrigues Ornelas de Lima (Orientador)
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Denizart da Silva Fortuna
Universidade Federal Fluminense

Prof. Me. Vitor da Silva Scalercio
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

PARA QUE SERVE A GEOGRAFIA NAS ESCOLAS?

O olhar de pesquisas acadêmicas e a visão dos estudantes do Ensino Fundamental II e Médio

Amanda Rodrigues Corrêa Martins

Resumo: O presente trabalho tem como ideia central refletir sobre o papel da geografia nas escolas contrapondo as pesquisas acadêmicas sobre pensamento/raciocínio geográfico e a visão dos estudantes sobre o tema. Para tanto, procurou-se avaliar essas ideias presentes em artigos científicos e pesquisas atuais sobre o tema e também a respostas de estudantes a questionários aplicados em seu ambiente escolar. Ao final, procurou-se encontrar convergências e divergências sobre o assunto nos dois grandes grupos estudados para tentar responder a pergunta: para que serve a geografia nas escolas?

Palavras-chave: Pensamento/raciocínio geográfico, Geografia Escolar, Ensino de Geografia.

WHAT IS GEOGRAPHY FOR IN SCHOOLS?

The look of academic research and the vision of Elementary II and High School students

Abstract: The present work has as its central idea to reflect on the role of geography in schools, opposing academic research on geographical thinking/reasoning and the students' view on the subject. Therefore, we sought to evaluate these ideas present in scientific articles and current research on the subject and also the answers of students to questionnaires applied in their school environment. In the end, we sought to find convergences and divergences on the subject in the two large groups studied to try to answer the question: what is geography for in schools?

Keywords: Geographical thinking, School Geography, Teaching Geography.

1 INTRODUÇÃO

Para que serve a geografia? Qual sua função enquanto disciplina curricular obrigatória nas escolas do Brasil? A presente pesquisa traz reflexões sobre esta temática ao confrontar duas fontes de dados: autores com pesquisas ou trabalhos no campo e a visão de estudantes de 14 a 18 anos de três escolas particulares da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A geografia enquanto disciplina presente nas escolas brasileiras tem um papel específico, ou seja, tem uma função. Neste sentido, concordamos com a proposta de Cavalcanti (2019) quando expõe que Geografia nas escolas serve como ferramenta que auxilia a fazer uma leitura específica do mundo. Procuraremos trazer as ideias dessa autora e outras pesquisas como as de Duarte (2017), Straforini (2018), Scalercio (2018) e Ascensão e Valadão (2014) e outros que contribuam com esta linha de raciocínio para preencher a lacuna do: para que serve a geografia nas escolas?

Posteriormente, serão analisadas as respostas de alunos do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, obtidas através de um questionário aberto. O modelo de tal instrumento de pesquisa foi escolhido uma vez que “nas questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas” (GIL, 2008, p.122). Assim os estudantes teriam liberdade de expressar suas opiniões da maneira mais livre possível.

Na última seção do trabalho, tentaremos encontrar pontos de convergência e divergência entre o que pensam os acadêmicos e estudiosos que versaram sobre o tema abrangidos no texto e a visão dos estudantes sobre a função e a identidade da geografia nas escolas do Brasil.

A pesquisa teve como ponto de partida inicial o incômodo em sala de aula em relação a falas de discentes questionando a validade da disciplina e se mostrando confusos quanto a seu papel na escola. Este incômodo inicial foi se tornando uma questão de pesquisa durante o curso de especialização em que se percebeu uma falta de aprofundamento em relação à pergunta “para que serve a geografia?” inclusive entre os docentes dessa disciplina.

É preciso destacar também, a importância de dar voz e protagonismo aos alunos em pesquisas sobre a escola, pois durante este trabalho foi possível perceber a carência de locais de escuta afetiva e efetiva ao grupo nesse ambiente. Essas vozes certamente trazem grande riqueza nas pesquisas sobre o ensino de maneira geral e em especial dentro da geografia escolar.

Dessa forma, este breve debate que procura reunir o âmbito acadêmico, as vozes dos estudantes, suas similaridades e divergências espera servir como instrumento de reflexão e análise sobre o raciocínio/pensamento geográfico.

2 GEOGRAFIA NA ESCOLAS, PARA QUE? O DEBATE ACADÊMICO

A motivação inicial para esta pesquisa surgiu através da recorrência de falas ouvidas durante momentos vividos em sala de aula. Tornou-se bastante comum ouvir dos alunos: “já aprendemos isto em ciências”, “geografia e história dão o mesmo conteúdo”. Isso tornava mais latente ainda em temas correlatos a geografia e as disciplinas supracitadas como a Revolução Industrial, a Primavera Árabe, o estudo das rochas, o universo entre outros.

A partir desta questão inicial, questionou-se se o modo em que trabalhamos e apresentamos nossa disciplina nas aulas não estaria favorecendo esta falta de identidade - aparente - da geografia pelos alunos. Mas será que nós enquanto professores também não temos essa falta de clareza, será que consolidamos a nossa apreensão identitária da geografia? Foi a partir destas reflexões que esta seção traz trabalhos que contribuam para fortalecer a identidade da geografia escolar, para responder com mais firmeza às indagações e questionamentos sobre, afinal, para que esta disciplina está na escola?

Cavalcanti (2019, p.64) afirma que “meu entendimento é que ensinamos geografia para que o aluno aprenda a pensar geograficamente”. Ou seja, esta disciplina contribui para que os discentes possam aprender a desenvolver um tipo específico de pensamento ou raciocínio chamado pela autora de geográfico.

A perspectiva da autora tem grande relevância, pois professores muitas vezes estacionam em definições menos precisas ou genéricas que pouco contribuem de fato para construir uma identidade disciplinar própria. É comum, por exemplo, encontrar nos livros didáticos que cabe à geografia estudar “as relações entre sociedade e natureza” (TORREZANI, 2014, p. 202) ou o ouvir de maneira geral que geografia estuda “tudo de todo mundo e de todos os lugares” conforme escreveu Callai (2013, apud CAVALCANTI, 2019, p. 87), perspectivas essas que dão um aspecto de uma disciplina vaga e sem objetivo específico.

Straforini (2018) traz contribuição importante para o debate mostrando que é dentro da própria disciplina que devemos encontrar os meios para sua defesa, que não devemos nos contentar com perspectivas genéricas que a geografia serve para entender atualidades, e que sua definição gira em torno da formação de cidadãos reflexivos - que ao seu ver é a meta final da escola e de todas as disciplinas escolares. Para o autor, a defesa da disciplina e sua validade deveria se ater ao fato de que ela “(...) valoriza processos específicos de raciocínio ou pensamento (...)” (STRAFORINI, 2018, p. 178).

Outro ponto que vale nosso destaque é a ideia de Ascensão e Valadão (2014) ao descreverem que:

o conhecimento geográfico mais do que nunca, passou a ser afirmado não como um fim, mas como um meio para que se favoreçam aos alunos instrumentos teóricos-conceituais-metodológicos através dos quais esses poderão interpretar espacialidades vividas, percebidas e concebidas (ASCENÇÃO E VALADÃO, 2014, p.3).

Ainda dentro desta perspectiva Scalercio (2018) concorda com diversos autores - assim como os aqui já citados - de que a geografia “(..) permite o desenvolvimento de um raciocínio ou pensamento próprio”. O autor ainda traz a concepção de que cabe a geografia “explicar onde as coisas estão e como elas estão distribuídas no espaço (...)” (grifo nosso) e que “(...) sempre que houver uma distribuição e explicação sobre certa disposição no espaço, haverá uma geograficidade ou espacialidade” a ser entendida (SCALERCIO, 2018, p. 61).

Destacamos então, um paralelo entre os autores citados, pois parecem convergir ao afirmarem que a disciplina de geografia nas escolas auxilia os alunos a raciocinarem, refletirem e agirem o e no mundo a sua volta a partir de uma perspectiva específica, a geográfica e seus conhecimentos são próprios, e distintos da perspectiva trazida pelas outras disciplinas. Referimo-nos aqui como conhecimentos próprios da geografia: as noções de

escalas, localização, espaço, tempo, lugar, território(s) entre outros que em conjunto desenvolvem o pensamento ou raciocínio geográfico.

A construção dessa abordagem geográfica, revelando a geograficidade ou mobilizando o pensamento/raciocínio geográfico podem e devem ser desenvolvidas nas aulas junto aos escolares. Para isso, é preciso buscar o “(...) desenvolvimento de práticas pedagógicas que superem a descrição individualizada de componentes espaciais e promovam, junto aos alunos, compreensões referentes à espacialidade de fenômenos” (ASCENÇÃO E VALADÃO, 2014, p. 4). Também é importante superar as “(...) repetições de informações, explicações esquemáticas e definições, explicações sobre as coisas que lhes são apresentadas”. (CAVALCANTI, 2019, p. 83). Fica agora, a difícil missão, como fazer isso?

Scalercio (2018) propõe a interessante ideia de promover “gatilhos” como metodologia para abordagens geográficas junto aos estudantes com a formulação de perguntas problema para iniciar temas nas aulas. Acreditamos que este pode ser um caminho possível para aulas mais propriamente geográficas, com o olhar que é próprio deste campo disciplinar e que possibilitaria aos alunos a construção de pensamentos/raciocínios específicos como foi apontado pelos autores supracitados.

O ainda autor traz um exemplo específico do exposto acima, indicando que ao tratar de indústrias os professores poderiam iniciar o trabalho com os alunos perguntando: “Todos os países são industrializados? Há indústrias em todos os lugares? Onde elas estão concentradas? Por que as indústrias se instalam em certas localidades?” (SCALERCIO, 2018, p.62). Aí estariam postos os “gatilhos” que auxiliariam a construção o raciocínio/pensamento geográfico mobilizando os conhecimentos da disciplina que são diferentes das perspectivas das demais. Indústrias também são estudadas nas aulas de história, por exemplo, mas através de outras abordagens, dificilmente por meio do “onde” e “como”.

Dentro desta ideia de desenvolvimento de um raciocínio próprio nas aulas de geografia, Cavalcanti (2019) também concorda que indagações são um interessante caminho metodológico, caminho este que ela chama de “perguntas geográficas”. Segundo a autora, "são essas perguntas que colocam o sujeito em posição de sujeito de conhecimento; elas que são formuladas a depender do sujeito e de suas inquietações com o mundo". (CAVALCANTI, 2019, p. 77).

Outra perspectiva interessante de desenvolver a geograficidade ou raciocínio/pensamento geográfico nas aulas é a de Duarte (2017). Sua proposta seria a seguinte: posteriormente a aulas prévias sobre o tema capitalismo, os alunos seriam estimulados a identificar onde uma indústria teria mais lucro e seria mais competitiva utilizando um mapa que tem representações de redes de energia, transporte, localização de centros urbanos e matérias primas (DUARTE, 2017, p. 200).

A partir deste outro exemplo, podemos perceber que a construção dos conhecimentos sobre o modo de produção capitalista industrial a partir do olhar da geografia é diferenciado e gerador de raciocínios próprios, não seria contar ou retratar um fato ou fenômeno apenas e sim localizar, explicar, comparar, identificar, questionar, relacionar entre outras tantas possibilidades o que acontece nas múltiplas escalas desde o cotidiano ao global/mundial. Apesar de seu artigo versar sobre o uso de imagens, Novaes (2011, p. 12) em seu trabalho aborda ponto pertinente ao destacar o potencial descobridor da geografia escolar quando se valoriza perspectivas que fujam sempre que possível do “contar” um fato ou fenômeno.

Percebemos a partir destes exemplos que ilustrar por meio de um mapa, localizar, descrever ou definir algum elemento da sociedade ou da natureza em separado não necessariamente seria uma análise geográfica, não identifica e fortalece a disciplina. Em outro caso similar destacamos as ideias de Ascensão e Valadão (2014, p.6) sobre este tema. Os autores trazem que aspectos do clima poderiam ser utilizados para entender como as atividades agrícolas podem ter impacto financeiro negativo e essa análise seria uma forma de interpretação da espacialidade do fenômeno, já o estudo da climatologia pura e simplesmente sem esta outra abordagem, não contribuiria para esse o desenvolvimento de algo eminentemente geográfico.

Sejam as nomenclaturas usadas pelos autores mencionados como: interpretação da espacialidade do fenômeno, a geograficidade ou o pensamento/raciocínio geográfico acreditamos que há uma convergência de ideias que para nós em nossas reflexões apresenta-se como central: a premissa de que a geografia pode munir os estudantes de um tipo de capacidade, a de olhar e atuar no mundo de acordo com os conceitos e categorias próprios. É o que Cavalcanti (2019, p. 65) trata como “um modo de pensar a realidade mobilizando saberes próprios da ciência geográfica”.

Sabemos o quanto mudanças são difíceis, em especial no contexto escolar que vivemos no Brasil. Porém, em nome do fortalecimento da disciplina junto aos discentes e nos próprios meios docentes é preciso buscar metodologias, propostas ou “práticas insurgentes” (STRAFORINI, 2018, p. 189) que estimulem os alunos o desenvolvimento do pensamento geográfico que ultrapasse meras localizações, mas também estimulem-os a correlacionar, identificar, analisar o que é particular e do que é geral, do por que certos fatos e coisas ocorrem em uma localidade e não em outras e assim por diante.

Retomando aos temas correlatos a geografia e outras disciplinas do início do texto como a Revolução Industrial, Primavera Árabe, sobre rochas e universo, um caminho interessante para trazer esses temas para uma abordagem geográfica distinguindo-os de outras abordagens disciplinares seria a partir da mobilização de conceitos e raciocínios próprios da geografia relacionando-os a partir das múltiplas escalas de análise, da diferenciação, da comparação ou por meio de perguntas que desencadeariam raciocínios geográficos.

Martins - outro autor que discorre sobre o tema - acrescenta o uso do “onde” e “porque aí” (apud CAVALCANTI, 2019, p.143) como interessante para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, que nada mais é do que outra nomenclatura para gatilhos ou perguntas geográficas já mencionados acima.

Precisamos enfatizar que esta nova abordagem ocorra, faz-se necessário também além de uma nova postura dos docentes em suas práticas e abordagens é necessário também mudanças por parte dos estudantes. Estes devem entender seu papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, junto a seus professores e demais colegas, dispostos a participar, elaborar e construir suas aprendizagens rompendo com a prática bancária de depósitos feitos pelos professores e recebimento de saberes pelos alunos (FREIRE, 1996).

A tarefa não é fácil, e entendemos que será preciso encontrar lacunas durante o ano letivo escolar impregnado de certa rigidez nos prazos e demandas conteudísticas - seja por demandas dos superiores, seja pela excessiva carga de trabalho dos docentes, e muitos deles - nos incluindo - por estarem a parte de alguns debates mais atuais sobre a geografia escolar a partir de carências em suas formações iniciais e/ ou ausência de formações complementares. Mas, entendemos que esse pode ser um bom caminho para fortalecer e demarcar o espaço de nossa disciplina na escola.

Sendo assim, julgamos importante que para fortalecer a identidade disciplinar da geografia, um bom caminho para deixar claro “para que ela serve?” seria o estímulo a práticas mais alinhadas ao desenvolvimento do raciocínio ou pensamento geográfico pois acreditamos e concordamos com o que Cavalcanti (2019) expõe, pois para ela, a geografia:

(...) não apenas reúne um conjunto de conhecimentos, informações e dados da produção espacial em diferentes lugares do mundo (...). Além disso, ela produz um arcabouço teórico-metodológico que orienta uma análise peculiar das coisas (...). Para cumprir seu papel na formação, é importante superar o empirismo (...) e apresentar os temas como objetos de pensamento. (CAVALCANTI, 2019, p. 58).

A próxima seção do artigo versará sobre os questionários realizados com alunos do Ensino Fundamental II e Médio e seus olhares sobre a disciplina de geografia nas escolas.

3 GEOGRAFIA NAS ESCOLAS, PARA QUE? A ATIVIDADE COM AS TURMAS E A VISÃO DOS ESTUDANTES

Após breve revisão da literatura sobre o papel da geografia nas escolas, passamos às análises do que os estudantes discorreram sobre o assunto.

A atividade no formato de questionário foi realizada no mês de novembro de 2021 mediante a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) com alunos de 14 a 18 anos matriculados em três escolas privadas que tinham como professora regente disciplina de geografia a pesquisadora do presente trabalho. As escolas se localizavam no bairro de Guadalupe, Rio de Janeiro e as outras duas respectivamente nos bairros do Centro dos municípios de Nilópolis e Mesquita. Participaram 53 estudantes que cursavam do 9º ano do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio.

No contexto da localização, as três escolas não estão inseridas em áreas consideradas de difícil acesso, mas alguns alunos moram nessas áreas, como na comunidade da Chatuba para as escolas de Nilópolis e Mesquita ou do Muquiço no caso da de Guadalupe pois encontram-se nas redondezas. Sendo assim, o perfil socioeconômico pode ser considerado médio/baixo não sendo escolas que recebem alunos da elite ou de classes mais abastadas.

Gil (2008) nos mostra que os questionários abertos auxiliam a obtenção de respostas com menos interferência do pesquisador. Assim sendo, o caminho delineado para esta pesquisa foi este, de modo que a professora/pesquisadora pouco interviesse nas apreensões dadas pelos estudantes. Foi utilizado o formato de retângulos assim como inspirada na dissertação de Borges (2017) como espaço para respostas ao invés de linhas para que os estudantes pudessem se expressar até mesmo em formato de esquemas ou desenhos ao invés de frases ou palavras caso julgassem necessário - recurso que foi pouco utilizado pelos mesmos, sobressaindo as explicações por escrito.

Justificando a escolha da faixa etária, pelo ano letivo corrente estar funcionando em um modelo híbrido haviam alunos ainda na modalidade 100% online. Assim, foram selecionadas as turmas com maior número de alunos presenciais e somente estes, presentes em sala responderam as perguntas. Além disso, pela necessidade de apresentar, explicar e enviar os termos de assentimento (TALE) e consentimento (TCLE) para os estudantes e seus responsáveis, pensou-se que trabalhar com os alunos mais velhos também facilitaria os trâmites do processo, e assim foi feito.

Foram aplicados 54 questionários durante um tempo de aula selecionado, ou seja, com duração de 50 minutos. O dia da atividade havia sido previamente acordado com a coordenação/direção e os alunos. A devolutiva dos questionários, no entanto, foi de 53 pois um aluno do 9º ano preferiu não entregar as suas respostas e decidiu se desligar da pesquisa, situação esta que já era da ciência de todos e estava previsto nos TALE e TCLE.

É importante salientar que ao contrário do que prevíamos, houve bastante aceitação da direção/coordenação das escolas quanto a aplicação da presente pesquisa junto às turmas e esse apoio foi um grande facilitador. Também houve uma receptividade muito grande dos responsáveis e dos estudantes que se sentiram bastante motivados ao responder e ao saberem que eram um dos grandes focos do trabalho que ali se iniciava.

O questionário foi entregue aos alunos em folha de ofício impressa e um espaço para responderem da forma que julgasse relevante as seguintes perguntas:

1. Ao ouvir a palavra “geografia” o que lhe vem primeiro à mente?
2. Em sua opinião, para que serve a geografia?
3. Descreva uma situação da sua vida, de nosso país ou mundo onde foi possível identificar Geografia.

Abaixo expomos sobre algumas respostas dos estudantes que mais dialogavam e tinham ideias em comum. A análise e exposição desses recortes apenas devem-se ao fato do modelo do trabalho ser o formato de artigo, com limitação de páginas.

3.1 Primeira pergunta: “Ao ouvir a palavra “geografia” o que lhe vem primeiro à mente?”

Esta primeira pergunta foi inspirada em parte da pesquisa de Borges (2017), que apesar de ter como temática a geografia escolar e direitos humanos julgamos como relevante de replicar em nossa primeira indagação aos alunos numa espécie de sondagem inicial.

O primeiro ponto que nos chamou atenção ao analisar este bloco foi a de que muitos alunos lembravam e descreviam algum conteúdo que tiveram durante o ano letivo de 2021, em especial dos últimos dois bimestres. Respondendo que a disciplina seria os próprios conteúdos ministrados. Destacamos as seguintes respostas:

“tigres asiáticos, mapa” Aluna N - 9º ano

“Biomias” Aluno H - 9º ano

“países. transportes. ONU, regiões e população” Aluna M - 9º ano

“O mapa mundial, diferente tipos de relevo e várias guerras (como a guerra fria e o mundo bipolar)” Aluna M - 1º ano

“relações geopolíticas” Aluno T - 1º ano

“desmatamento” Aluno L do - 2º ano

Os alunos do 9º ano em especial, associaram diversas vezes a figura da professora ou do dia das aulas da própria disciplina de geografia, e disseram:

“a explicação da professora” Aluna R - 9º ano

“A grande diversidade vegetativa, econômica e nas explicações ótimas da professora Amanda” Aluna P - 9º ano

“a professora e as matérias” Aluno I - 9º ano

“terça-feira e tigres asiáticos” Aluna I - 9º ano

Muitos alunos trouxeram o mapa como memória ou lembrança da disciplina, fato comprovado pelo grande número de respostas à primeira pergunta que tinham este elemento descrito ou até desenhado. Chamou-nos atenção as seguintes falas:

“mapa mundi” Aluno D - 1º ano

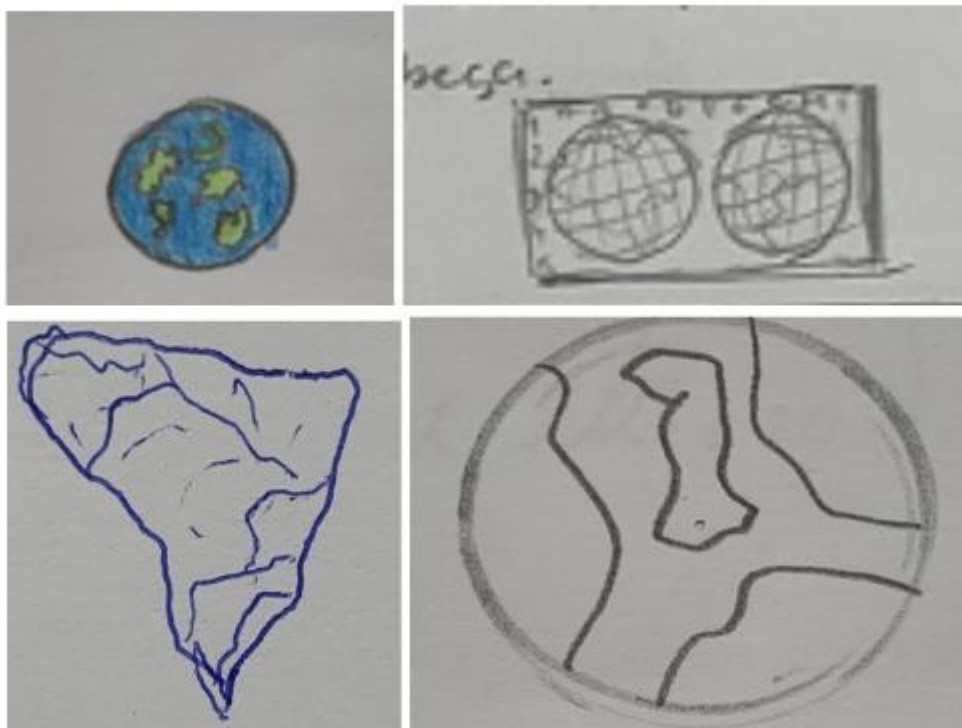
“um quadro que eu vi uma vez com um mapa antigo muito bonito um mapa do mundo com aspecto antigo, toda vez que eu penso em geografia me vem esse mapa da cabeça” Aluna E - 9º ano

“mundo, mapa, agricultura e vegetação” Aluna C - 3º ano

“vem imagens na minha mente de montanhas, rios, mapas e etc” Aluno P - 1º ano

“planície, economia, mapa, países, etc” Aluno C - 2º ano

Destacamos ainda aqui a questão dos mapas/ representações cartográficas como o caso do globo terrestre como elementos presentes na concepção da geografia para os estudantes uma vez que foram as únicas formas de linguagem não escrita por meio de croquis que apareceram nos questionários, a seguir estão os elaborados por alunos do 9º ano:



Representações elaboradas destacando mapa/globo como elementos que os lembrava a geografia

Quando nos deparamos com as representações de mapas ou do globo como as únicas formas de exposição não escrita na pesquisa, pareceu-nos claro que esses estudantes reconhecem no mapa uma importante ferramenta geográfica de análise. Seria então, parte do fundamental

da disciplina, operar com essas formas de representação. Análise esta que é bastante difundida na literatura do ensino de geografia.

Vale retomar neste ponto o trabalho de Duarte (2017, p. 190) que ao citar a professora Lana Cavalcanti mostra que: “a Geografia na escola tem a finalidade da formação de modos de pensar geográficos por parte dos alunos”. O mapa neste caso seria uma ferramenta pela qual é possível formar modos de pensar geográficos por estes estudantes acima mencionados.

Os conteúdos curriculares que são obrigatórios em seus respectivos anos escolares também apareceram com frequência nas respostas como: as formas de relevo, os biomas/vegetação, como foi possível observar também nas falas destacadas anteriormente.

3.2 Segunda pergunta: “Em sua opinião, para que serve a geografia?”

Após a sondagem inicial, em que foi possível destacar que os estudantes lembravam de conteúdos recentemente estudados, temas clássicos da geografia como relevo, da centralidade do mapa como elemento da disciplina e a figura do professor, passamos as análises da segunda pergunta.

Com o intuito de coletar informações mais concretas sobre o que os estudantes pensavam sobre a disciplina na escola e de buscar posteriormente alinhamento ou desalinhamento com o que vem sendo pensado na academia, propusemos a segunda pergunta os interrogando sobre o assunto. Alguns dos tópicos mais abordados pelos estudantes foi a questão do (re)conhecimento do mundo que os cerca tanto no local quanto no global propiciado pela disciplina, eis os seus relatos (com grifos nossos):

“Para conseguirmos compreender o que acontece no mundo” Aluna C - 3º ano

“Serve muito para se localizar, saber onde estou e conhecer o nosso mundo” Aluno W - 3º ano

“para melhor entendimento do mundo” Aluno C - 2º ano

“Para que possamos entender melhor sobre coisas que acontecem onde vivemos” Aluna K - 2º ano

“para a gente saber sobre as informações geográficas do nosso país e dos outros” Aluno N - 2º ano

“para nos dar informações sobre o mundo em que vivemos” Aluno J - 1º ano

“para nosso melhor conhecimento sobre o mundo” Aluno L - 9º ano

Julgamos importante nessas falas de reconhecimento que a geografia estuda o mundo - em especial quando tratamos de turmas a partir do 8º ano em que são abordados os continentes na maioria dos currículos - mas também do reconhecimento da disciplina em pensar o local interpretadas partir do uso das frases “onde estou” e “onde vivemos” dos relatos acima. Assim, chamou-nos atenção o fato dos estudantes perceberem como inerente à geografia o uso ou estudo não só da escala global, mas também da escala local - ainda que a escala mundo apareça em maior número.

Outro ponto importante sobre esta segunda pergunta é a visão de alguns estudantes de que geografia não se debruça apenas no presente, ou seja, não trata-se de estudar apenas as atualidades ou realizar um debate jornalístico do agora, como apontado por Straforini (2018) anteriormente. Seguem estas respostas (com grifos nossos):

“Para disseminar informação e ajudar no reconhecimento de possíveis injustiças. além de ajudar no entendimento do passado e do presente” Aluna G - 1º ano

“Estudar sobre o Brasil, acontecimentos passados” Aluna M - 9º ano

Julgamos relevante para fechar esta segunda pergunta destacar (com grifo nosso) a resposta dada abaixo, onde se afirma que irá “levar para a vida” o que aprendeu em geografia. Este ponto foi bastante importante pois uma das inquietações iniciais da pesquisa era a falta de valorização da disciplina percebida em meio as aulas de geografia por parte dos estudantes. Logo, pudemos perceber outra posição e olhar a partir deste fragmento. Destacamos isto a fala a seguir:

“Um grande aprendizado sobre os países, Os conflitos entre estados e presidentes, é uma matéria também que você sempre vai levar para a vida quando for viajar e também quando for para regiões e lugares” Aluna M - 9º ano

3.3 Terceira pergunta: descreva uma situação da sua vida, de nosso país ou mundo onde foi possível identificar Geografia:

A última pergunta do questionário buscava a percepção dos estudantes sobre como poderíamos mobilizar conhecimentos geográficos em situações vivenciadas ou conhecidas nas escalas local ou global. A ideia de utilizar o verbo “descrever” e não utilizar uma pergunta teve a intenção de fugir de respostas que limitaria nossas análises como as com apenas “sim” ou “não”. Mesmo com este cuidado, ainda houveram muitas respostas que não descreveram situação alguma como a do Aluno J - 1º ano que escreveu:

“Não consigo me lembrar de nenhuma situação no momento”.

Sobre a pergunta final, percebemos algumas falas que vão de encontro a ideia de que a geografia auxilia a obtenção de conhecimentos que os levem raciocinar, pensar e viver de forma mais consciente e plena no mundo e elas foram:

“Quando eu fui viajar para o sul e consegui levar roupas apropriadas para essa região, já que através da geografia consegui ter conhecimento do clima” Aluna L - 9º ano

“toda a pandemia foi uma forma de identificar e compreender várias interações sociais, economicas e politicas (ou seja, um pouco sobre geografia) Aluna J - 1º ano

“Quando foi anunciado que poderia ter um tsunami no Brasil” Aluna K - 2º ano

“Na minha vida uso a internet para ver como vai estar o clima para ir correr na mata. Atualmente, a questão do clima, as mudanças climáticas vem chamando muita atenção” Aluno W - 3º ano

Para finalizar esta seção sobre os questionários reafirmamos que os resultados superaram todas as expectativas, tanto por parte da recepção das escolas quanto dos estudantes. Nenhum questionário voltou em branco, apenas um caso houve recusa na participação. Percebeu-se bastante interesse e apoio dos estudantes em participar de um

projeto de pesquisa que os envolvia e era voltado para suas opiniões e ideias. Sentiu-se certa animação por parte das turmas, e alargou-se as relações entre docente/discente. Foi bastante positivo observar que a autoestima dos estudantes foi elevada ao se perceberem dentro de uma pesquisa de conclusão de curso, e que suas vozes caberiam e seriam umas das peças centrais da mesma. Além disso, as respostas serviram para reflexões importantes sobre a docência e que foram fundamentais a construção deste trabalho.

Adiante, na próxima parte do trabalho tentaremos encontrar pontos e contrapontos sobre o que foi destacado pelos estudantes e os trabalhos acadêmicos anteriormente revisitados.

4 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE O CAMPO ACADÊMICO E ESCOLAR

Buscaremos nesta etapa, reconhecer pontos de encontro e desencontro das visões expostas nas fases anteriores sobre o ponto de vista da academia e dos estudantes das escolas participantes sobre para o que serve a geografia.

Primeiramente, gostaríamos de destacar a permanência da percepção por parte das respostas de que a geografia ainda é uma disciplina encaixada ainda na ótica de “transmissão” e “recebimento” de informações. Isso foi percebido principalmente na primeira pergunta, onde muitos estudantes descreviam temas ou conteúdos geográficos apenas. O que na verdade seria o oposto do paradigma do pensamento/ raciocínio geográfico debatidos neste texto, logo destacamos aqui como um ponto de divergência dos grupos analisados.

Agora, julgamos importante destacar a questão dos mapas como elemento central na disciplina, reconhecido tanto por um grupo estudado, quanto pelo outro sendo colocado aqui inicialmente como um ponto de convergência. Os mapas são ferramentas poderosas dentro da geografia escolar e que quando utilizados sob uma abordagem adequada pode auxiliar e muito a construção do raciocínio/ pensamento geográfico - como já expomos na segunda seção do artigo com Duarte (2017).

O mesmo mapa apontado acima como um elemento de convergência entre os grupos, pode ser aqui destacado também como um ponto de contraponto ou divergência de ideias. Isso se deve ao fato que nos relatos dos estudantes foi percebido o destaque ilustrativo do mesmo do mapa, como uma ferramenta de imagem apenas. Sendo assim, uma oposição do que já é recorrente na academia e em pesquisas que destacam o uso do mapa não apenas a título de ilustrar ou localizar e sim, associada a processos de raciocínio e apreensão das realidades socioespaciais. Destacamos mais uma vez o trabalho de Duarte (2017) para contribuir com esta ideia:

Se o objetivo da Educação Geográfica é o da formação de pensamentos ou raciocínios geográficos, como defendem diversos autores (CAVALCANTI, 2000 e 2002; CASTELLAR, 2005) e se queremos que o mapa deixe de ser utilizado apenas para a localização dos fenômenos e que, em acréscimo a isso, os alunos/cidadãos sejam capacitados a avançar para além do nível elementar de leitura dos mapas (SIMIELLI, 2007, p.80), precisamos pautar a nossa metodologia da Cartografia Escolar na compreensão das operações cognitivas que envolvem o entendimento de fenômenos socioespaciais com forte conteúdo geográfico (DUARTE, 2017, p. 199).

Outro ponto de convergência entre os dois grupos foi a noção de que a disciplina geográfica opera com múltiplas escalas de análise. Cavalcanti (2019, p. 104) afirma que “Ao se dizer local/ regional/global, utiliza-se um recurso bastante comum nos textos geográficos. (...) mas a preocupação com seu destaque, ou seja, como o raciocínio escalar inerente a esse discurso, é próprio do geógrafo”. Podemos afirmar que este é um debate consolidado nas pesquisas acadêmicas, e percebemos esta operação ou a concepção das múltiplas escalas em número diminuto de respostas dos estudantes.

A escala mundo ou global apareceram com maior destaque nas respostas acima mencionadas, isto acaba sendo outro desencontro quando comparamos a fala da professora Lana Cavalcanti (2019, p. 107). Ela reafirma que o pensamento geográfico é desenvolvido a partir das análises de fatos, fenômenos e coisas em diversas escalas, o que permite aos estudantes a construção de conhecimentos de sua realidade imediata que também podem ser visíveis em um alcance mais amplo ou mais distante, por exemplo. Sendo assim, a multiescalaridade também é peça fundamental para a identidade disciplinar geográfica.

Algumas proposições podem ser feitas para encontrar razões para a não realização do trabalho em múltiplas escalas nas aulas como: a fragmentação dos currículos e grande separação dos temas Brasil para certos anos escolares e mundo para os anos seguintes e até mesmo por dificuldades dos próprios docentes em realizar este trabalho, pois “(...) professores têm dificuldades em articular as escalas de apreensão da realidade” (CAVALCANTI, 2019, p. 108).

Foi interessante notar também em algumas falas a ciência dos estudantes de que a geografia também os auxilia a pensar e operar fatos e fenômenos ocorridos no passado. Esta ciência é de suma importância, pois auxilia a afirmação da geografia como disciplina com conceitos e métodos próprios e não mera repetição e apreensão de conteúdos atuais/ contemporâneos. Confirma-se o que já era antes discutido de que a geografia escolar não se trata apenas das “atualidades”- reafirmando a posição do trabalho já colocado anteriormente de Straforini (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como ponto de partida refletir sobre o papel da geografia nas escolas, e que esta pergunta poderia ter como caminho a ideia de que ela serve para estimular a construção do pensamento/ raciocínio geográfico pelos estudantes.

Sem a pretensão de dar respostas ou encerrar o debate pretende-se com este trabalho adicionar mais reflexões a este campo de pesquisa, tendo em mente que a geografia escolar acadêmica e a geografia nas escolas são coisas distintas e produzem e reproduzem seus próprios conhecimentos. Ou seja, não se trata de transpor meramente a visão dos trabalhos acadêmicos ao que foi relatado pelos estudantes.

A ideia da disciplina como um meio para se refletir a(s) realidade(s), as diversas escalas de análise, os mapas como ferramentas geográficas/cartográficas importantes, a disciplina como relevante para a vida e que analisa tempos presentes e pretéritos foram os pontos que mais chamaram atenção.

Esses pontos serviram para preencher algumas lacunas existentes e que serviram de inquietações iniciais para a pesquisa, como a falta de valorização da disciplina. O que ficou claro foi o contrário, os estudantes a veem sim como significativa e a diferenciam das demais - mesmo que não expressassem isto no cotidiano das aulas.

Espera-se que a partir das reflexões aqui propostas possam contribuir de algum modo para o fortalecimento da geografia nos currículos, auxiliar os professores de geografia em

exercício ou mesmo futuros professores da disciplina a terem mais clareza quanto a identidade da geografia sobre seu papel ímpar nas escolas e por fim estimular difusão do campo do pensamento/ raciocínio geográfico como forma de se ensinar e aprender geografia nas escolas.

REFERÊNCIAS

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira & VALADÃO, Roberto Célio. Professor de Geografia: entre o estudo do fenômeno e a interpretação da espacialidade do fenômeno. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 18, n. 496 (03), Dez., 2014.

BORGES, Rúbia Aparecida Cidade. **Nem só de mapas se faz a geografia: os diferentes nas aulas de Geo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 72-90, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

DUARTE, Ronaldo Goulart. A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos na educação básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 187-206, Jan./Jun., 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 25ª. ed., 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

NOVAES, André Reyes. Uma geografia visual? Contribuições para o uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico. **Espaço e Cultura**, n. 30, p. 6-22, Jul./Dez., 2011.

SCALERCIO, Vitor. Ensino de geografia e pensamento espacial: reflexões epistemológicas e a atividade de pesquisa do LENpGEO. **Giramundo**, v. 5, n. 10, p.57-71, Jul./Dez., 2018.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Sim sistema de ensino:** Geografia 6º ano. 1ª. ed. São Paulo: FTD, 2014.

Anexo A

Modelo de questionário aplicado com as turmas



Instrumento de coleta - Questionário de pesquisa

Título da pesquisa: Por outra Geografia nas escolas: possibilidades de construção do pensamento geográfico a partir do olhar dos estudantes sobre a disciplina

Auxílio(a) participante: _____

Idade: _____

Série: _____

- Ao ouvir a palavra "geógrafo" o que lhe vem primeiro à mente?



- Em sua opinião, para que serve a geografia?

- Descreva uma situação da sua vida, de nosso país ou mundo onde foi possível identificar Geografia.

Anexo B

Termo de Assentimento (TALE) enviado aos alunos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa For outra Geografia nas escolas: possibilidades de construção do pensamento geográfico a partir do olhar dos estudantes sobre a disciplina. Queremos saber algumas opiniões sobre o que os estudantes pensam a respeito da disciplina de geografia.

As pessoas que participarão desta pesquisa têm de 11 a 17 anos de idade. A pesquisa será feita no Colégio Boas Novas. Durante a pesquisa você responderá a três perguntas por meio de um questionário. Para isso serão usadas canetas ou lápis e folhas brancas com as impressões das perguntas. O uso de caneta, lápis e papel é considerado seguro, mas é possível você sentir inseguro ou com dúvidas a respeito da atividade. Caso aconteça algo de errado, você pode procurar a pesquisadora Amanda Rodrigues Corrêa Martins pelo telefone (21) 97674-8518. Mas há coisas boas que podem acontecer, pois esta pesquisa poderá oferecer um momento de reflexão aos estudantes sobre a disciplina de geografia nas escolas e sua serventia.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará imitado(a) ou chateado(a) com você se você disser "não": a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer "sim" agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode discutir com o(a) pesquisador(a), quando quiser. Ele(a) responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento.

Página 1 de 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEPICPII



Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa.

ASSENTIMENTO

Eu _____ li este termo e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do participante	Data: ___/___/___
----------------------------	-------------------

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora	Data: 24/09/21
----------------------------	----------------

Anexo C

Termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) enviado aos responsáveis



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL LEGAL

Prezado(a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar o seu consentimento para o(a) menor participar como voluntário(a) da pesquisa denominada Por outra Geografia nas escolas: possibilidades de construção do pensamento geográfico a partir do olhar dos estudantes sobre a disciplina, realizada no âmbito da Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II e que diz respeito a um trabalho de conclusão de curso em especialização Lato Sensu. A pesquisa que será realizada no Colégio Boas Novas, R. R. João Evangelista de Carvalho, 1732 - Centro, Nilópolis - RJ, 28520-502.

1. OBJETIVO: o objetivo deste estudo é saber o que os estudantes pensam "para o que serve a geografia?".

2. PROCEDIMENTOS: a forma de participação do(a) menor consistirá em: responder com a três perguntas por escrito de um questionário impresso em uma folha sobre a disciplina de geografia.

3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS: toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo isto é, o participante pode apresentar desconforto ao refletir e responder as perguntas, pois, elas envolvem parte da experiência escolar e pessoal dos estudantes. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de desistir de sua participação a qualquer momento. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: esta pesquisa poderá oferecer um momento de reflexão aos estudantes sobre a disciplina de geografia nas escolas e sua serventia.

4. GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a privacidade do(a) menor será respeitada e o nome dele(a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. O pesquisador responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a participação do(a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele(a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o(a) menor saia da pesquisa ele(a) não sofrerá nenhum prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do(a) menor no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII**



7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo pesquisador. O pesquisador garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso a pesquisador Amanda Rodrigues Corrêa Martins pelo telefone (21) 97674-6518 ou e-mail amandarc@geogmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 20221-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo com a participação do menor _____ na pesquisa.

Assinatura do(a) responsável/ representante legal	Data: __/__/__
------------------------------------------------------	----------------

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) responsável/ representante legal pelo(a) menor participante da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora	Data: 24/09/21
----------------------------	----------------